

CAMINHO HISTÓRICO POCOAÇÃO JENIPAPO - FAZENDA ONÇA: UMA ANTIGA ROTA VIÁRIA DE SÃO RAIMUNDO NONATO (PI) SOB O VIÉS DA ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

HISTORICAL PATH JENIPAPO SETTLEMENT – ONÇA FARM: NA ANCIENT ROAD ROUTE OF SÃO RAIMUNDO NONATO (PI) FROM THE PERSPECTIVE OF LANDSCAPE ARCHAEOLOGY

Cauly Dias de Brito e Silva ⁱ

Nívia Paula Dias de Assis ⁱⁱ

Resumo Neste trabalho buscamos demonstrar como as investigações incidentes sobre a antiga rota Pocoação Jenipapo - Fazenda Onça denotam várias camadas de ocupações históricas, e até mesmo pré-coloniais, passíveis de serem analisadas a partir dos desdobramentos espaciais dessa via em meio ao próprio sistema viário local e à paisagem como um todo. Trata-se de uma pesquisa na qual os caminhos históricos são compreendidos pelo viés da Arqueologia da Paisagem. Essa via, que ainda na área urbana central da cidade é conhecida popularmente como “Estrada do Junco”, muito provavelmente foi o primeiro trajeto colonial a culminar nesse recorte espacial, além de também ter sido continuamente forjado pelo deslocamento de pessoas, demais animais e objetos que se movimentaram em fluxos ao longo do desenvolvimento dessa região. Propomos a utilização de metodologias que perpassam desde acervos históricos, como fontes documentais, mapas antigos ou iconografias; às prospecções arqueológicas sistemáticas em trechos amostrais da via estudada. Com vistas em aprimorar nossa análise espacial, também utilizaremos o banco de dados do Projeto Espacialidades do Sertão: interfaces entre geotecnologias, arqueologia e cartografia histórica, executado no âmbito do Laboratório de Representação dos Espaços Arqueológicos da UnivASF (Labresparq/UnivASF), extraíndo e elaborando novas combinações cartográficas úteis às nossas interpretações. **Palavras-Chave:** Arqueologia da Paisagem; Caminhos Históricos; São Raimundo Nonato (PI).

Abstract: In this paper, we seek to demonstrate how investigations into the old route and between Pocoação Jenipapo and Fazenda Onça reveal several layers of historical occupations, and even precolonial ones, that can be analyzed based on the spatial developments of this route within the local road system itself and the landscape. This is a study in which historical paths are understood from the perspective of Landscape Archaeology. This route, which is still popularly known in the central urban area of the city as “Estrada do Junco”, was most likely the first colonial route to culminate in this spatial cutout, in addition to having been continually shaped by the movement of people, other animals and objects that moved in flows throughout the development of this region. We propose the use of methodologies that range from historical collections, such as documentary sources, old maps or iconography; to systematic archaeological surveys in sample sections of the study route. To improve our spatial analysis, we will also use the database of the Spatialities of the Sertão Project: interfaces between geotechnologies, archaeology and historical cartography, carried out within the scope of the Laboratory for Representation of Archaeological Spaces of UnivASF (Labresparq/UnivASF), extracting and developing new cartographic combinations useful for our interpretations. **Keywords:** Landscape Archaeology; Historical Paths. São Raimundo Nonato (PI).

ⁱ Discente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UnivASF).

ⁱⁱ Docente do Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial e do Colegiado de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UnivASF).

Introdução

O presente trabalho tem como objeto de estudo o caminho que interligava o lugar Jenipapo, que deu origem ao primeiro núcleo populacional urbano de São Raimundo Nonato (PI), na primeira metade do século XIX, a uma das mais antigas unidades de povoação colonial da região, a Fazenda Onça (datada do séc. XVIII). Esse trajeto é analisado sob a ótica da Arqueologia da Paisagem, com o objetivo principal de compreender sua materialização e evolução ao longo do tempo, pois entendemos que ele fomentou e culminou em diferentes ocupações históricas realizadas em suas margens. Na prática, em meio a um antigo sistema viário, buscamos identificar e analisar os vestígios paisagísticos e materiais que persistem no espaço, tais como restos estruturais construtivos implantados nesse antigo trajeto (pedra, madeira ou outros materiais), além de outros elementos apontados ou não nos documentos e mapas históricos.

A escolha do trajeto Povoação Jenipapo - Fazenda Onça se baseia na premissa de que os caminhos são fundamentais para compreender as atividades e interações humanas com o ambiente e a paisagem ao longo do tempo. Mais do que simples rotas físicas, estes são testemunhos tangíveis de atividades humanas passadas, incluindo negociações, migrações, intercâmbios culturais e do próprio desenvolvimento econômico de uma região. Assim, compreendemos que o estudo desses elementos fornece percepções sobre a organização social, estrutura econômica e práticas culturais das comunidades que as utilizaram em diferentes períodos.

Até o momento, já realizamos análise documental, iconográfica e de mapas históricos, bem como o levantamento cartográfico e das imagens satélite da área total englobada pela rota que serão efetivamente apresentados nesse artigo. Entretanto, a varredura arqueológica completa desse trecho, que dista 22 km, com o detalhamento de suas características físicas, bem como o registro e análise das evidências materiais identificadas, ocorrerão através de prospecções previstas para a próxima etapa da pesquisa em curso.

Fundamentação Teórica e Metodológica

A relação entre Arqueologia e Geografia é fundamental para compreender o conceito de paisagem que, segundo Morais (1999), apresenta uma grande aproximação entre as duas áreas, especialmente em suas abordagens metodológicas. Kormikiari (2000, p. 6), também destaca que

geógrafos e arqueólogos contemporâneos veem a paisagem como um “construto material que traz informação sobre a estrutura e organização de ocupações passadas”.

Enquanto disciplina que estuda as relações entre o homem e o ambiente, a Geografia utiliza o conceito de paisagem de diversas formas. Sobre esse conceito, Morais (2007, p. 104), o define como “parte de um território que a natureza apresenta ao observador” e Soares (2022), amplia essa visão ao incluí-la como uma materialidade sensorial que envolve não apenas os aspectos visuais, mas também os sons, odores e movimentos.

Para Lino (2012, p. 60), a paisagem seria um “espaço organizado, cuja natureza é transformada pela cultura humana”. Já Oliveira, Patzlaff e Schell-Ybert (2019), a definem como uma construção dinâmica e polissêmica, que resulta da interação de processos materiais e atividades humanas, refletindo a história social e econômica de uma região, suas organizações espaciais e padrões de ocupação.

A Arqueologia, por outro lado, adapta esse conceito, considerando a paisagem como “construída e continuamente reconstruída pela sociedade em mudança”, focando na transformação do ambiente ao longo do tempo (Morais, 2007, p. 104). Fagundes (2009), complementa ainda que essa definição deve ser vista como uma construção social, moldada por grupos humanos com diversos fins, como subsistência, economia e política.

Esse último autor comprehende que o conceito de paisagem em Arqueologia expandiu a definição de sítio arqueológico, permitindo uma abordagem mais ampla do passado humano. Lino (2012) distingue dois usos do termo “Arqueologia da Paisagem”: como uma unidade de escala que supera o foco tradicional no sítio arqueológico, permitindo o estudo de espaços mais amplos, especialmente na Arqueologia Histórica, e como a análise das relações entre o meio natural e as ações culturais, o que define a abordagem da Arqueologia da Paisagem como um campo específico.

De certo, a incorporação do conceito de paisagem pela Arqueologia refletiu-se em novos fundamentos teóricos e metodológicos, além da ampliação das linhas de pesquisa, incluindo aspectos sociais e simbólicos (Bandeira, Silva Neta e Soares, 2017). Trata-se de um campo específico, que surgiu em 1990 com o objetivo de estudar o espaço social criado pelas interações humanas com o ambiente físico, englobando dimensões econômicas, agrárias, políticas e territoriais.

No contexto, a transformação do espaço físico em social, ainda seria impulsionada pela aplicação de símbolos e significados culturais, tornando-se um espaço que pode ser percebido e sentido pelas pessoas (Soares, 2022). Nesse sentido, a paisagem envolve não apenas o físico, mas também a dimensão simbólica e cultural que influencia como os espaços são modificados e utilizados.

Morais (2007), destaca que a Arqueologia da Paisagem investiga o processo de artificialização do meio, com foco na reconstrução de cenários e na dispersão das populações pelo ecúmeno. Essa abordagem integra a natureza e a sociedade em uma rede de relações, adotando uma visão ecossistêmica e total, como proposto por Soares (2022). Nesse contexto, a paisagem é vista como um “artefato”, uma “cultura material passível de ser analisada”, e pode ser lida como um texto, permitindo múltiplas interpretações sobre o uso do espaço (Soares, 2022, p. 390).

Também definida enquanto uma subárea da Arqueologia que utiliza geotecnologias e diferentes percepções sobre a paisagem para entender o passado humano, autores como Bandeira, Silva Neta e Soares (2017) afirmam que essa abordagem visa a reconstrução das paisagens por meio das metodologias arqueológicas, focando nos processos de “culturalização” do espaço ao longo da história.

No presente trabalho, destacamos ainda outras nuances desse conceito espacial, como as apresentadas por Lino (2012), de que as paisagens são compostas por “lugares” ou pontos no espaço, onde a ação humana é marcada material e simbolicamente. Na mesma direção, Soares (2022) complementa que a relação com os lugares é corpórea, pois o ser humano, ao se mover, “escreve” sobre a paisagem, tornando o movimento uma parte essencial da vida e da constituição dos lugares. Para este último, os caminhos ou vias são exemplos de manifestações desse movimento e das marcas deixadas pelas pessoas.

Nesse contexto, também concordamos com a concepção de Soares (2022), de que a vida humana se desdobra ao longo de caminhos, os quais apresentam “nós” ou pontos, como cidades ou paragens, que constituem lugares de encontros e refletem a densidade e a complexidade das relações sociais. Quanto ao estudo do caminho histórico Povoação Jenipapo - Fazenda Onça, bem como dos lugares nele contidos, a noção de movimento torna-se central para compreender o espaço vivido, uma vez que a interação deste com a paisagem implica na “antropização” desta última, transformando-a em parte da cultura material (Soares, 2022).

No que diz respeito aos principais procedimentos metodológicos utilizados pela Arqueologia da Paisagem, podemos destacar o uso predominante da leitura e registro dos artefatos em seu contexto original (*in situ*), de maneira a minimizar as intervenções físicas e permitindo a reconstrução das formas de organização do espaço com o mínimo de alteração (Morais, 1999). Antes disso, podemos destacar os levantamentos bibliográfico, documental, iconográfico e cartográfico, etapas que já foram executadas na presente pesquisa. Esta última consiste aqui em um ponto central e esteve concentrada no estudo detalhado de mapas de diferentes períodos.

A etapa de prospecção também requer planejamento prévio e será realizada com base nos estágios descritos por Morais (2007) sobre a adoção de estratégias baseadas no rastreamento preliminar do potencial arqueológico da área, por meio de um levantamento paisagístico. O foco dessa fase inicial é o reconhecimento da paisagem e do terreno por meio de observações espontâneas, nas quais o potencial arqueológico do local é evidenciado e registrado em croquis e fichas cadastrais, somando-se também, quando surgidos, os relatos de moradores locais. Nesse contexto, as estruturas viárias e outras evidências arqueológicas também poderão ser encontradas e registradas com o uso de métodos mais avançados como os oriundos das geotecnologias (GPS de alta precisão, drones).

O segundo estágio, denominado por Morais (2007) de avaliação, tem como objetivo ampliar e detalhar os produtos identificados na primeira etapa, concentrando-se em uma análise mais profunda das áreas levantadas. Por fim, o terceiro estágio, denominado manejo, inclui a realização de prospecções arqueológicas mais detalhadas, bem como a ampliação dos dados obtidos nas fases anteriores (Morais, 2007).

Logo, as atividades de campo a serem realizadas nesta pesquisa consistirão em prospecções arqueológicas sistemáticas em segmentos representativos da rota viária Povoação Jenipapo - Fazenda Onça. Essa atividade pressupõe um caminhamento direcionado a partir de pontos específicos, considerando o trajeto como uma unidade cultural. Assim, os limites da estrada definirão os limites da atividade prospectiva (Bicho, 2012). Na prática, além de aparelho de GPS, utilizaremos smartphones com aplicativos de georreferenciamento e geoprocessamento de dados espaciais, como o *QGIS*, *Google Earth*, *Gaia* e *Timestamp Camera*, para organizar e analisar os referidos dados arqueológicos, permitindo discutir a espacialidade e o contexto específico do caminho e da paisagem como um todo.

Na etapa seguinte, que consistirá no laboratório de geoprocessamento, o uso de *softwares* Sistema de Informação Geográfica (SIG) combinado com imagens de satélite de alta resolução será primordial, uma vez que facilita a análise dos dados georreferenciados. Essa combinação tem se mostrado crucial na reconstrução das paisagens arqueológicas e na identificação de processos de continuidade e mudança no decorrer do tempo (Soares, 2022; Morais, 2007). Nesse aspecto, adota-se como suporte os mapas existentes no banco de dados do Projeto Espacialidades do Sertão: interfaces entre geotecnologias, arqueologia e cartografia histórica, executado no âmbito do Laboratório de Representação dos Espaços Arqueológicos da Univasp (Labresparq/Univasp), para extrair novas combinações cartográficas úteis às nossas interpretações.

No que tange à análise das imagens de satélite, esta pressupõe o uso da fotointerpretação, que pode ser definida como o exame de imagens com o objetivo de identificar objetos geográficos e determinar seu significado, com ênfase na análise de aspectos físicos e culturais da crosta terrestre (Almeida e Oliveira, 2010, p. 46). No nosso caso, a fotointerpretação se concentrará principalmente em identificar elementos antrópicos presentes na paisagem, como o traçado do caminho e suas relações com outros elementos culturais e naturais.

Com essa abordagem metodológica integrada, que combina geotecnologias, prospecção, análise documental e fotointerpretação, buscamos realizar um estudo aprofundado do caminho histórico analisado, com as transformações da paisagem ao longo do tempo. Por fim, compreendemos também que a Arqueologia da Paisagem pode fundamentar análises não somente dos aspectos físicos, como também dos demais elementos simbólicos e culturais, ajudando a entender como os humanos vieram a moldar e interpretar os ambientes ao longo do tempo.

Contextualização Histórica e Contexto da Pesquisa

A ocupação histórica de São Raimundo Nonato está diretamente ligada ao processo de colonização do sudeste do Piauí, iniciado a partir do final do século XVII. Entretanto, vale ressaltar, que a primeira forma de penetração humana dessa área se deu através de trilhas realizadas por povos nativos e estas, muito provavelmente, foram posteriormente utilizadas pelos colonizadores. Obviamente, as primeiras rotas de acesso colonial tinham o objetivo de

explorar o território em busca de riquezas naturais para exploração, porém, o que se consolidou para a região foi a instalação de fazendas de gado.

De acordo com Almeida (2015, p. 111), as primeiras rotas utilizadas pelos bandeirantes e sertanistas seguiam “(...) as trilhas indígenas quando possível”, aproveitando o conhecimento local sobre a geografia e os cursos d’água:

as primeiras vias estabelecidas na América Portuguesa remetem as expedições de reconhecimento dos sertões tendo em vista a conquista e o povoamento do território com o principal objetivo de encontrar riquezas minerais, muitas dessas empreitadas aproveitaram antigos caminhos indígenas (Almeida, 2015, p. 111)

Esses caminhos se tornaram a espinha dorsal para o estabelecimento de fazendas no interior da colônia, bem como para a intensificação de movimentações nesse território. Estas, não somente humanas, englobavam também animais de grande porte como os bovinos e equinos, além de uma diversidade de cultura material transportada, muitas vezes, em forma de mercadorias. Assis (2012), argumenta que os caminhos coloniais, inicialmente estreitas picadas feitas pelos indígenas, evoluíram para vias mais largas, devido a necessidade de transportar uma grande quantidade de bens, como armas, ferramentas, gado e outros materiais necessários para a fixação do domínio luso-colonial.

Mas embora a presença indígena já fosse significativa na região, os colonizadores, por muito tempo, consideraram o Piauí uma “terra de ninguém” (Oliveira e Assis, 2009), ignorando o denso povoamento de grupos indígenas que já habitavam a área. Acreditamos que isso se deu pelo fato da colonização do Piauí ter ocorrido de maneira tardia, quando comparada a outras partes do Brasil, com o povoamento colonial efetivo só iniciado no final do século XVII. Ainda assim, como destaca Assis (2012), esta região foi fundamental para o desenvolvimento da colônia, pois constitui-se como uma zona de fornecimento de carne para os principais núcleos urbanos do Brasil.

A colonização piauiense pode ser dividida em duas fases principais: a primeira, do final do século XVII ao início do século XVIII, com a chegada dos sertanistas, e a segunda, a partir de meados do século XVIII, com o aumento das fazendas de gado e o conflito com as populações indígenas. Durante essa expansão, muitos colonizadores abandonaram suas fazendas devido aos intensos conflitos com os indígenas (Oliveira, 2007). Somente no século XIX é que o controle das resistências nativas encontradas nessa área parece ter se concretizado.

Os principais personagens da colonização, como Domingos Jorge Velho, Domingos Afonso Mafrense e os irmãos Dias D'Avila, são apontados como lideranças coloniais para o povoamento das terras piauienses. Domingos Jorge Velho, por exemplo, participou ativamente na ocupação das terras entre os rios Canindé e Poti, onde estabeleceu fazendas de gado, fundamentais para a expansão da pecuária (Silva, 2013). Domingos Mafrense, por sua vez, fundou cerca de 30 fazendas no vale do rio Canindé, sendo um dos primeiros colonizadores da região (Alves, 2003).

A Casa da Torre, administrada pela família Ávila, teria protagonizado essa apropriação territorial e o próprio povoamento colonial do Piauí. Fundada por Garcia D'ávila em 1549, na Bahia, essa instituição teve grande influência na expansão da pecuária, financiando a ocupação das terras que constituiriam a capitania do Piauí, muitas vezes com o auxílio de aventureiros e rendeiros, como foi o caso do próprio Mafrense, que lideraram a penetração nos sertões (Oliveira, 2007; Damasceno, 2012).

O relato de Padre Miguel, de 1697, destaca a ocupação da região, com 129 fazendas de gado já estabelecidas: “Tem o certão do Peauhy pertencente a nova Matriz de N. S. da Victoria quatro rios correntes; vinte riachos, cinco riachinhos, dois olhos de água, e duas alagoas, a beira dos quais estão 129 fazendas de gado” (Ennes, 1938, p. 370). Essas fazendas se localizavam ao longo dos rios e lagoas, que se tornaram os principais elementos direcionadores do povoamento.

A água, como destaca Alves (2003, p. 64), foi o principal fator de orientação para o povoamento do Piauí: “Este precioso líquido constitui o mais importante fio condutor do povoamento do Piauí”. A proximidade com rios e lagoas determinava a localização das fazendas e das vias de comunicação. Paes (2001), também aponta que as trilhas seguiam predominantemente os cursos dos rios, influenciando não apenas a formação das povoações, mas a configuração dos caminhos coloniais.

Nesse contexto, a pecuária foi o motor da ocupação e do surgimento de vilas e freguesias no Piauí. O transporte de rebanhos de gado contribuiu diretamente para a criação de rotas comerciais e vilas ao longo dos caminhos. Alves (2003, p. 71) destaca: “a pecuária foi responsável pelo surgimento de várias freguesias e vilas no Piauí (...), muitas delas formavam-se ao longo dos caminhos percorridos pelos tangedores de boiadas”. Esses caminhos, essenciais para o transporte de gado até os centros consumidores, também eram utilizados para o comércio de outros produtos, como a maniçoba no final do século XIX e início do século XX.

O modelo de ocupação baseado na pecuária perdurou até o final do século XIX, quando passou a entrar em decadência, dando lugar a uma economia extrativista da maniçoba, que impulsionou o crescimento de várias vilas e cidades, incluindo São Raimundo Nonato (Silva, 2013). Com base nas informações apresentadas podemos elaborar um panorama geral da evolução dos caminhos históricos piauienses (Figura 1).

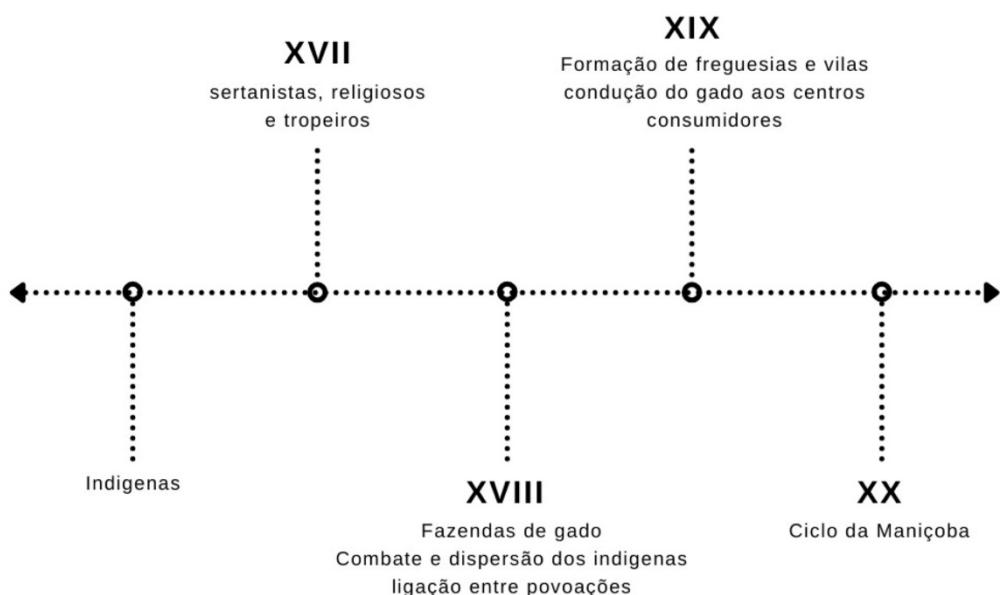


Figura 1: Linha do tempo dos caminhos. Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Compreendemos então que no Piauí, e consequentemente na região que se instituiu o município de São Raimundo Nonato, existiram fases bem definidas de ocupações relacionadas às vias de comunicação terrestres, sendo os caminhos: indígenas; os dos sertanistas e religiosos (séculos XVII e XVIII); os para a implantação de fazendas de gado; os para o combate e dispersão das populações indígenas; os caminhos de condução do gado e interligação das vilas no século XIX, com tangedores e tropeiros; e os caminhos de exportação da maniçoba no início do século XX (Tabela 1). Esses diferentes tipos de vias, muitas das quais continuaram a ser usadas como base para o traçado das estradas atuais, foram fundamentais para o desenvolvimento da região e para a organização da sociedade piauiense como um todo, ao longo dos séculos.

Tais informações fornecem uma base sólida para compreender o processo de ocupação e as dinâmicas históricas que moldaram o território piauiense e mais especificamente a região de São Raimundo Nonato. Nesse caso, analisamos um trecho de 22 km, que atualmente começa no centro da cidade de São Raimundo Nonato (PI) e segue em direção leste, passando pelo bairro Junco e pelas localidades de Garça, Queimadinha, Boa Vista, São Bento e Onça, até atingir a barragem do açude Petrônio Portela, conhecida como “Barragem da Onça”. A seleção deste

último ponto se deu pelo fato de as águas desse açude terem submergido os restos da antiga fazenda homônima.

Tabela 1: Caminhos piauienses nos distintos períodos históricos. Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Período	Via associada
Antes de XVIII até séc. XIX	Caminhos indígenas
Séc. XVII e início do XVIII	Caminhos utilizados pelos sertanistas e religiosos
Séc. XVII até meados do séc. XX	Caminhos dos condutores de gado e tropeiros
Séc. XVIII	Caminhos para implantação das fazendas de gado
	Caminhos para combate e dispersão dos grupos indígenas
Segunda metade do séc. XVIII e XIX	Caminhos de condução do gado Formação de vilas e freguesias ao longo do caminho
Século XIX	Caminhos de ligação entre centros urbanos
Final do séc. XIX e séc. XX	Caminhos de exportação da maniçoba

No passado, mais precisamente no início do séc. XIX, e antes mesmo da instituição da Freguesia Eclesiástica que originou a Vila de São Raimundo Nonato do Jenipapo, o ponto de referência territorial que se tinha nessa área era o “lugar” ou “sítio” Jenipapo. Durante esse período inicial, a via histórica aqui analisada ligava este lugar a uma unidade pecuarista de maior antiguidade, à Fazenda Onça, que já existia na região desde o século XVIII. Ressaltamos, entretanto, que embora mapas antigos indiquem que esse caminho era mais extenso, o nosso estudo se ateve ao trecho aqui especificado por uma questão de exequibilidade de pesquisa.

Estudos prévios realizados na região, como o de Silva (2023), identificaram o papel da estrada nas atividades pecuaristas tradicionais, especialmente em Garça e Queimadinha (comunidades localizadas em parte do trecho do caminho estudado), evidenciando a concentração de fazendas e povoações ao longo do trecho. Portanto, acreditamos que com a análise da via Povoação Jenipapo – Fazenda Onça, pelo viés da Arqueologia da Paisagem, seja possível compreender a formação, a evolução e a apropriação dessa rota ao longo do tempo, investigando inclusive as conexões com outras vias e regiões.

Resultados Preliminares

O primeiro conjunto de dados analisado é proveniente de um mapa histórico de 1939 (Figura 2 e 3), elaborado com a finalidade de delimitar áreas remotas do território brasileiro, incluindo a região de São Raimundo Nonato (Landim, 2023). Esse mapa, embora impreciso em termos de medições, é significativo por destacar o denominado “caminho de tropa” (trecho atual estudado), o qual evidenciava a importância da via para o transporte de gado e para o

escoamento comercial de produtos. As fazendas, representadas por ícones geométricos, aparecem ao longo do caminho, corroborando as informações de que a via aqui estudada era essencial para a colonização e desenvolvimento da atividade pecuarista na região.

Nesse caso, também chamamos a atenção para a representação do rio Piauí, pois a estrada segue em paralelo ao mesmo. Exploraremos essa relação nas análises subsequentes, especialmente a luz das transformações causadas pela construção da Barragem Petrônio Portela, em 1984.

As cartas topográficas elaboradas no final da década de 1940 e início de 1950 (Figura 4) representam o trajeto do caminho histórico analisado de forma mais precisa. Elas são atribuídas ao Conselho Nacional de Geografia e abrangem desde a região do rio São Francisco até a área de São Raimundo Nonato. Nelas são destacadas inclusive linhas, tracejadas ou contínuas, e em cores diferenciadas, entrecortando o rio Piauí no trecho do centro de São Raimundo Nonato até a região da localidade Onça.

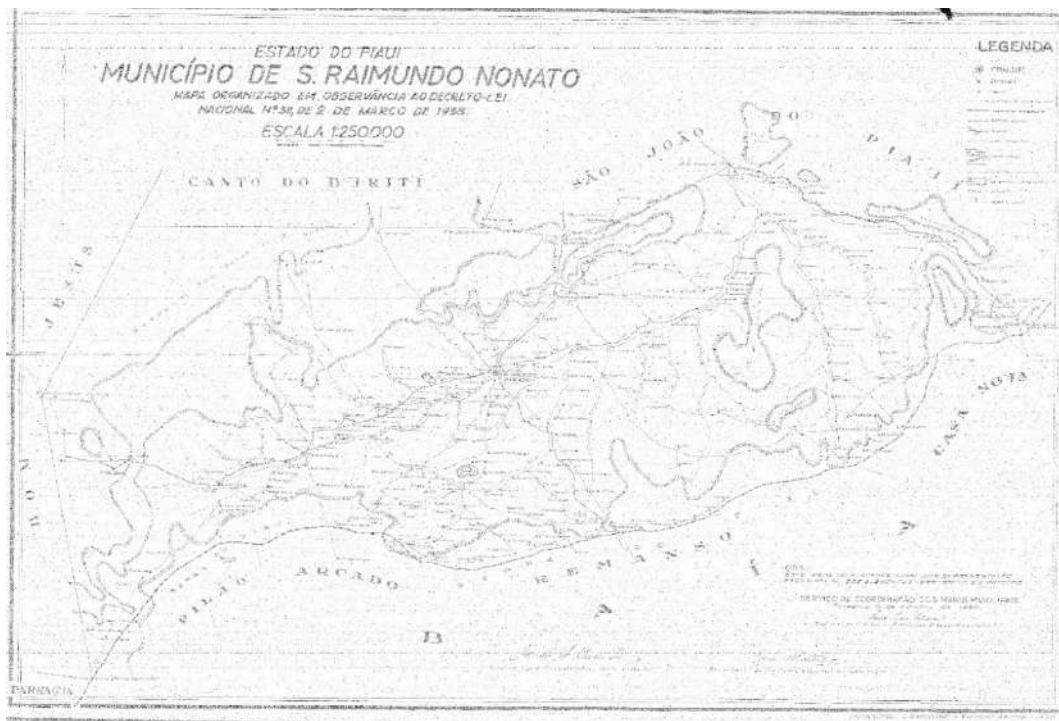


Figura 2: Mapa que representa a região de São Raimundo Nonato, elaborado em 1939. Fonte: (IBGE, 1939 apud Landim, 2023, p. 12)



Figura 3: Detalhe com o recorte da via estudada no Mapa de São Raimundo Nonato (1939). Fonte: IBGE (1939 apud Landim, 2023), modificado pelos autores.

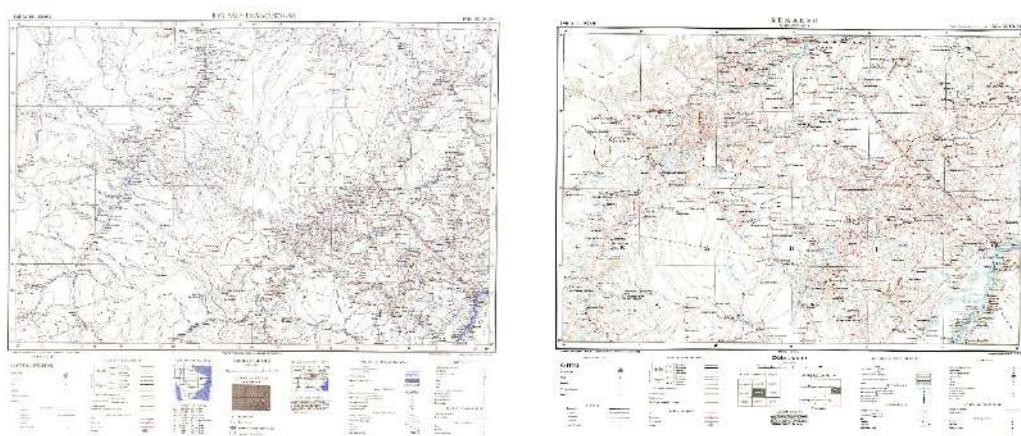


Figura 4: Cartas ao Brasil. Fonte: Conselho Nacional de Geografia (1950, 1951).

Ao comparar essas representações com as cartas topográficas mais recentes de 2010 e 2021 (Figura 5 e 6), também elaboradas pelo IBGE, nota-se que esse trajeto histórico não somente é representado, como apresenta versões mais recentes de topônimos atualizados, revelando a continuidade do uso do caminho ao longo do tempo, com a presença de novos estabelecimentos e infraestrutura viária.

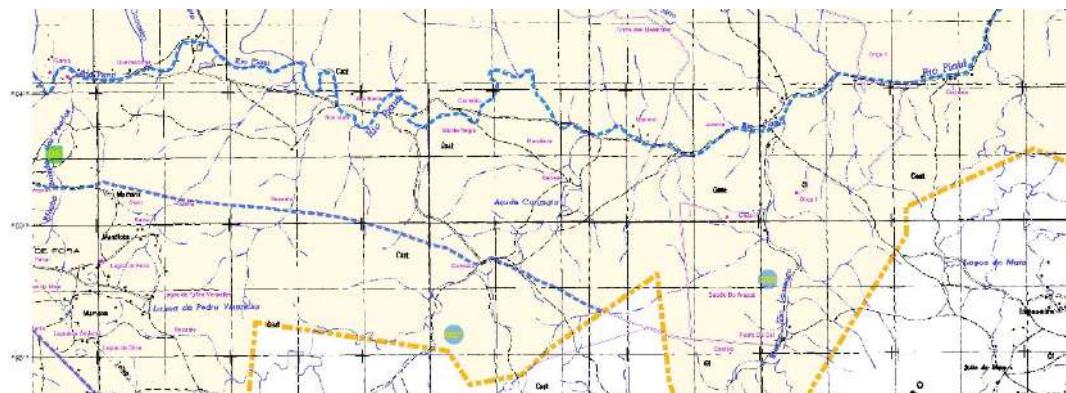


Figura 5: Mapa municipal estatístico. Fonte: IBGE (2010), modificado pelos autores.



Figura 6: Mapa Municipal. Fonte: IBGE (2021), modificado pelos autores.

Outro dado relevante refere-se a documentos históricos pertencentes ao acervo familiar do primeiro autor, onde nos mesmos apresentam registros dos anos de 1848 e 1878 (Figura 7). Esses documentos fornecem uma perspectiva sobre as paisagens e o uso do território em períodos anteriores aos registrados nos documentos cartográficos formais, ampliando a compreensão sobre a evolução das áreas adjacentes ao caminho e a dinâmica de ocupação do território.

Esses dados serão, posteriormente, analisados em uma perspectiva comparativa aprofundada utilizando ferramentas de SIG e recursos de visualização de imagens de satélite mais antigas presentes no *Google Earth* com o intuito de realizarmos sobreposições entre tais imagens históricas e as atuais. Essa abordagem permitirá uma análise mais detalhada das modificações sofridas pela paisagem e pelo percurso do caminho ao longo do tempo. Além disso, também acreditamos poder avançar nos estudos acerca da interação entre as representações cartográficas e a realidade física do território.

Por fim, destaca-se que a análise considerará o contexto histórico-social da região, levando em conta as dinâmicas de ocupação e uso da via e seu entorno, e como esses usos e ocupações influenciaram a configuração do caminho e de sua paisagem circundante. Esse enfoque busca proporcionar uma compreensão mais holística da formação e evolução do trajeto histórico,

permitindo uma reflexão crítica em relação ao uso do território e apropriação dos espaços em São Raimundo Nonato, ao longo dos diferentes períodos analisados.

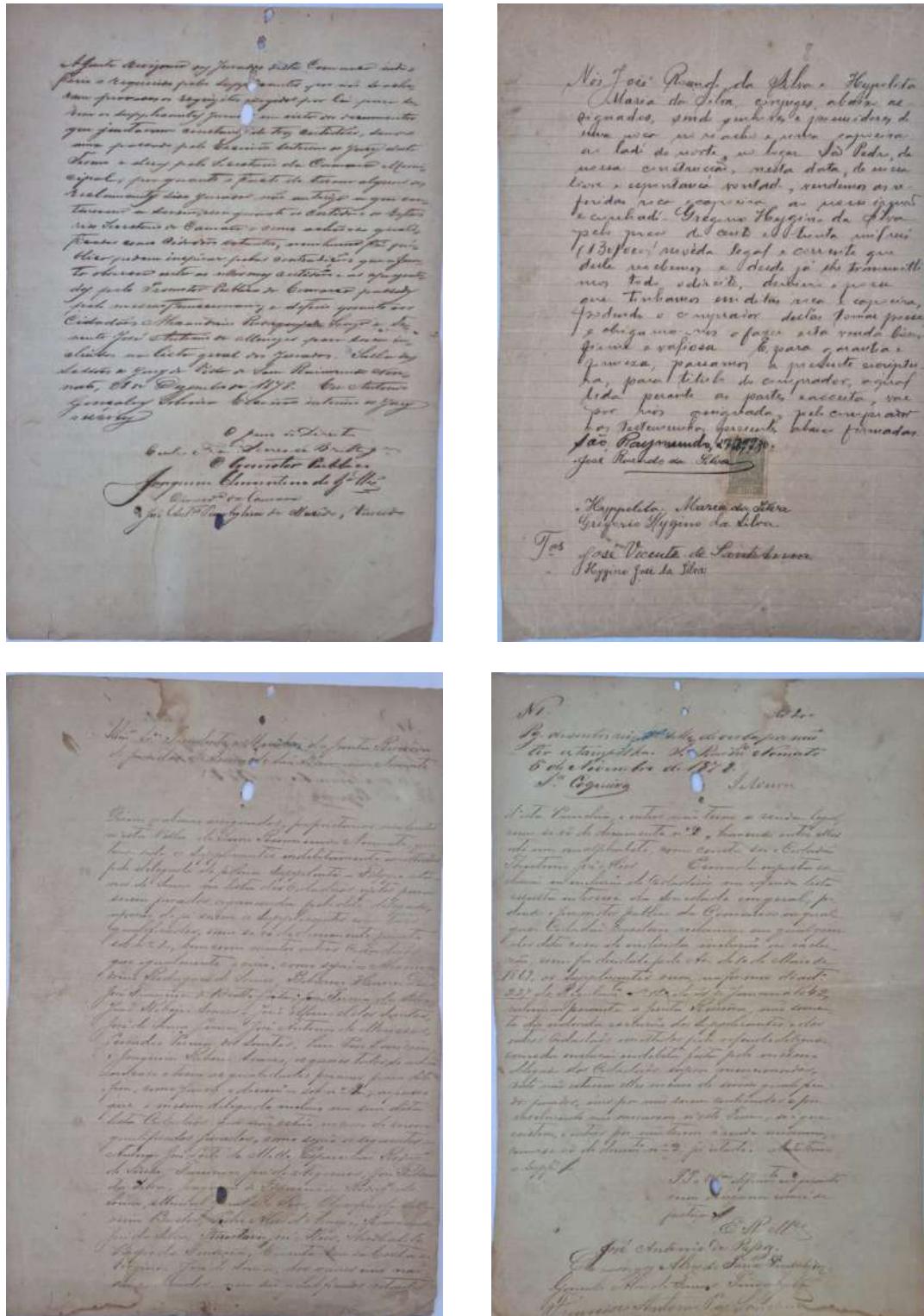


Figura 7: Conjunto documental. Fonte: acervo do autor (2024).

Considerações Finais

O caminho que interligava a povoação Jenipapo à Fazenda Onça, analisado pelo viés da Arqueologia da Paisagem, configura-se como portador de cenários de distintos períodos, cujos movimentos dos transeuntes e animais, bem como a interação destes entre si e com o meio, formataram historicamente um espaço de movimento.

A priori, tratava-se de uma via de condução de bovinos, típica do processo de colonização do Piauí, que garantia inicialmente a ligação da pequena e incipiente povoação Jenipapo a uma antiga fazenda pecuarista. Antes disso, porém, assegurada pelo curso do próprio rio Piauí, esta mesma rota já havia sido trafegada por aprisionadores de indígenas no final do séc. XVIII.

Do ponto de vista geral a Arqueologia da Paisagem nos amplia o horizonte de análise e interpretação considerando o espaço, as vias como parte dos objetos de estudo da Arqueologia. Além disso, noções de que mais do que analisar somente o espaço físico, os aspectos culturais e simbólicos, oriundos das formas em que os humanos moldaram e interpretaram seus ambientes ao longo do tempo, foram pontos centrais para sua escolha e definição das etapas subsequentes com base nos objetivos iniciais.

Entretanto, apesar do presente estudo apontar preliminarmente para todas as evidências sobre a constituição do caminho histórico estudado, somente as prospecções arqueológicas fornecerão análises da paisagem e verificações de vestígios materiais oriundos dos diferentes períodos mencionados.

Referências

- ALMEIDA, A.Q.X., 2015. Caminho e poder: uma análise arqueológica do Caminho Novo em Minas Gerais. Século XVIII. *Vestígios – Revista Latino-americana de Arqueologia Histórica*, 9(2), pp.109-142.
- ALMEIDA, J.A.P. e OLIVEIRA, P.J., 2010. Sensoriamento Remoto I. [online] Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/18530516022012Sensoriamento_Remoto_I_Aula_5.pdf [Acesso em julho 2024].
- ALVES, V.E.L., 2003. As bases históricas da formação territorial piauiense. *Geosul*, 18(36), pp.55-76.
- ASSIS, N.P.D., 2012. A Capitania de São José do Piauí na racionalidade espacial pombalina (1750-1777)*. Dissertação (Mestrado em História). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

- BANDEIRA, A.M., SILVA NETA, V.M. e SOARES, L.S., 2017. Paisagem e arqueologia: aproximações e potencialidades. *Revista Equador*, 6(1), pp.105-119.
- BICHO, N.F., 2012. *Manual de arqueologia pré-histórica*. 2 ed. rev. Lisboa: Edições 70.
- DAMASCENO, M.O., 2012. Dom Inocêncio Lopez Santamaria: Bispo missionário no sertão do Piauí. Dom Inocêncio-PI: Produtora Sertão.
- ENNES, E., 1938. *A guerra nos Palmares (subsídios para a sua história). Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" 1689-1709*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- FAGUNDES, M., 2009. Holos Environment. *Holos Environment*, 9(2), pp.301-315. Disponível em: <https://www.cea-unesp.org.br/holos/article/view/1310> [Acesso em julho 2024].
- KORMIKIARI, M.C.N., 2000. Arqueologia da Paisagem. [online] São Paulo: Universidade de São Paulo – LABECA / MAE-USP. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277665375_ARQUEOLOGIA_DA_PAISAGEM [Acesso em julho 2024].
- LANDIM, I.S.P., 2023. Arqueologia da Paisagem rural em São Raimundo Nonato (PI): um estudo de caso a partir da planta topográfica da data Genipapo (1943). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia e Preservação Patrimonial). São Raimundo Nonato: Universidade Federal do Vale do São Francisco.
- LINO, J.T., 2012. A arqueologia da Paisagem como enfoque teórico para o estudo arqueológico da Guerra do Contestado. *Revista Tempos Acadêmicos*, (10), pp.58-67.
- MORAIS, J.L., 1999. A arqueologia e o fator Geo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, (9), pp.3-22. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/109339> [Acesso em julho 2024].
- MORAIS, J.L., 2007. Arqueologia da paisagem como instrumento de gestão no licenciamento ambiental de atividades portuárias. *e-Gesta- Revista eletrônica de Gestão de Negócios*, 3(4), pp.97-115. Disponível em: <https://www.unisantos.br/mestrado/gestao/egesta/artigos/133.pdf> [Acesso em julho 2024].
- OLIVEIRA, A.S.N., 2007. O povoamento colonial do sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência. Tese (Doutorado em História). Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- OLIVEIRA, A.S.N. e ASSIS, N.P.D., 2009. Padres e fazendeiros no Piauí colonial – Século XVIII. In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza: ANPUH. 10p.
- OLIVEIRA, R.R., PATZLAFF, R.G. e SCHELL-YBERT, R., 2019. A floresta como o esconderijo: arqueologia da paisagem na mata atlântica do Rio de Janeiro. *Revista Mosaico*, 12(1), pp.61-82. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/7984/pdf> [Acesso em julho 2024].
- PAES, J.M., 2001. Tropas de tropeiros na primeira metade do século XIX no alto sertão baiano. Dissertação (Mestrado em História Social). Salvador: Universidade Federal da Bahia.

SILVA, A.P.L., 2023. “Do riacho para o lado de lá é queimadinha e para o lado de cá é Garça”: a formação de queimadinha véa, em São Raimundo Nonato – PI, na perspectiva da Arqueologia do Presente. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). São Raimundo Nonato: Universidade Federal do Vale do São Francisco.

SILVA, D.G., 2013. Arranjos de sobrevivência: relações familiares entre escravos no sertão do Piauí. Dissertação (Mestrado em História Social). São Luís: Universidade Federal do Maranhão.

SOARES, A., 2022. Arqueologia da paisagem e percepção: o caso do registro de Viamão. *Tessituras / Revista de Antropologia e Arqueologia*, 10(1), pp.385-416. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/tessituras/article/view/2893> [Acesso em julho 2024].